

RESENHA

## Pintando a psicologia de jenipapo e urucum: narrativas de indígenas psicólogos(as) no Brasil

*Leandro Durazzo*<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte



ARTICULAÇÃO BRASILEIRA DOS(AS) INDÍGENAS PSICÓLOGOS(AS) – ABIPSI (org.). *Pintando a psicologia de jenipapo e urucum: narrativas de indígenas psicólogos(as) no Brasil*. São Leopoldo: Casa Leiria, 2022. 190 p.

DURAZZO, Leandro. *Pintando a psicologia de jenipapo e urucum: narrativas de indígenas psicólogos(as) no Brasil (Resenha)*. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 11 (25): 417-422, janeiro a abril de 2024. ISSN: 2358-5587

<sup>1</sup> Doutor em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGAS/UFRN). Realiza, atualmente, pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRN, com bolsa de Pós-Doutorado Júnior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo e Promoção da Ciência, Tecnologia e Inovação do Rio Grande do Norte (FAPERNS).

## Por uma ciência intercultural

**E**m anos recentes, observa-se um significativo movimento de reconfiguração do espaço acadêmico no Brasil. Em parte graças a políticas de ação afirmativa, em parte devido a um processo histórico que tem se acelerado no país desde a Constituição de 1988, sujeitos de grupos historicamente minorizados pela sanha colonial do Estado têm ingressado nas universidades e consolidado trajetórias das mais originais, tanto acadêmica quanto profissionalmente. Esta resenha, escrita por um antropólogo não-indígena cujos trabalhos se inserem na interface com outras disciplinas, como a linguística e a psicologia, pretende-se uma apreciação singela desse momento atual.

Recentemente, o Anuário Antropológico publicou uma série de debates entre Alcida Rita Ramos, professora emérita da Universidade de Brasília e intelectuais indígenas dos mais destacados na antropologia atual, como Gersem Baniwa, também professor da UnB, e Felipe Tuxá, professor da Universidade Federal da Bahia. A discussão girou em torno das experiências da antropologia, área acadêmica, e de indígenas antropólogos, acadêmicos que têm insuflado novo ânimo e, por vezes, severas e justas críticas ao histórico da disciplina, bem como a certas bases teórico-metodológicas que ainda hoje se observam no fazer antropológico e científico em geral (F. TUXÁ, 2023).

É nesse cenário que indígenas de todo o país se articulam, política, profissional e cientificamente, em torno de organizações como a Articulação Brasileira de Indígenas Antropólogos (ABIA) e a Articulação Brasileira dos(as) Indígenas Psicólogos(as) (ABIPSI), ambas fundadas em 2020, em meio aos imensos desafios que a pandemia de Covid-19 e a tenebrosa administração pública federal, à época, apresentavam aos povos (FERNANDES *et al.*, 2022). Aqui, vemos eclodir dois movimentos que sugerem o amadurecimento de uma trajetória coletiva só a duras penas conquistada, e que ainda enfrenta engessamentos institucionais e epistemológicos da sociedade e da ciência, não-indígenas. Trata-se, claro está, da reflexão crítica e situada de indígenas atuando em campos acadêmicos e profissionais que por décadas, senão séculos, tiveram nos povos originários apenas interlocutores preferenciais, quando muito. Na maior parte da histórica moderna, como se tem denunciado extensamente, aos povos indígenas não era sequer conferida a possibilidade de partilharem o mesmo tempo presente com os detentores do discurso hegemônico, os chamados “civilizados”.

Isso já se compreende, na antropologia, desde pelo menos a publicação de *O tempo e o Outro: como a antropologia estabelece seu objeto*, de Johannes Fabian (2013, originalmente publicado em 1983). E isso também se revela na leitura de um dos poemas que encerra a obra *Pintando a psicologia de jenipapo e urucum: narrativas de indígenas psicólogos(as) do Brasil* (ABIPSI, 2022). Vanessa Terena, sua autora, assim se dirige ao leitor não-indígena, afirmando sua etnicidade: “Não quero homenagem, não preciso da sua caridade,/ quero ser vista no seu tempo, ao seu lado como realmente sou,/ e com tudo que tenho” (V. TERENA,

2022: 180, grifos nossos). Esse é o primeiro de três poemas que encerram a obra coletiva: “Eu sou Terena...” e “Uma purutuya olhou para mim...”, ambos da autora terena, e “A minha psicologia”, de Nita Tuxá. Os versos arrematam o que todo o volume parece sugerir: que a presença indígena na academia, na ciência, na atuação profissional, pauta-se toda pela especificidade da experiência de tais sujeitos, e pela pertença étnica e comunitária a partir da qual se compreendem no mundo hegemonicamente não-indígena — e mesmo anti-indígena, a julgar pelo histórico racismo e esbulho que sofrem desde a expansão colonial.

*Purutuya*, em língua terena, é termo que designa “homem ou mulher branco(a)” (V. TERENA, 2022: 181). E é nesse esforço indígena de se expressar ante a uma sociedade não-indígena, por meio da atuação profissional de uma disciplina historicamente não-indígena, individualizante e etnocêntrica, que a ABIPSI publica seu primeiro livro coletivo. Fazendo uso da vasta experiência de vida, acadêmica e profissional de seus diferentes membros-autores, a ABIPSI apresenta nessa obra um percurso diverso, pontuado por muitas trajetórias e encontros com a ciência ocidental, na figura da psicologia — que, assim como a antropologia denunciada por Felipe Tuxá (2023), segue sendo uma “ciência europeizada” (RODRIGUES, 2022: 9) de intenso impacto colonial sobre as vidas daqueles não-europeus que com ela travam contato.

Dividido em dez capítulos, para além de sua apresentação, prefácio, dos três poemas finais e de três anexos (“Informações sobre os autores”, “Relação dos componentes da Articulação Brasileira dos(as) Indígenas Psicólogos(as) — ABIPSI” e “Mapa do Brasil com representatividade de indígenas psicólogos(as) da ABIPSI”), o volume apresenta uma diversidade também nos estilos e gêneros textuais que o compõem. Há, aqui, capítulos que se constituem quase como breves ensaios teóricos marcados pela experiência indígena de seus autores e a partir das atuações profissionais que exercem, como “Territorialidade e Subjetividade: um caminho de retomada do ser”, de Itaynara Tuxá, e “De onde falo, porque falo, o que quero falar...”, de Edilaise (Nita Tuxá).

Outros, ainda conduzidos pelas experiências de vida, formação e atuação profissional de seus autores, escrevem-se como potentes relatos de experiência que nos dão conta de como os variados percursos que têm formado indígenas psicólogas(os) no país correspondem a também variadas dificuldades, desafios, preconceitos e obstáculos que, a despeito de quaisquer avanços, ainda precisam ser cotidianamente enfrentados. Tais são “Trajetória dos alunos indígenas Tikunas”, de Ezequiel Tikuna; “O ‘som’ que diz quem eu sou...”, de Vanessa Terena; e “Relato de experiência de uma psicóloga recém-formada atuando na Secretaria Municipal de Educação Escolar Indígena”, de Dayane Teixeira Almeida, do povo Tariano. Este, reverberando os dois textos das autoras Tuxá, apresenta experiências de atuação profissional articuladas com uma autorreflexão dos desafios que a especificidade e interculturalidade desse fazer implicam. As autoras parecem concordar que uma das maiores dificuldades nesse processo de, em sendo indígenas, levar o cuidado psicológico a outros parentes é “fazer com que o meu aprendizado dialogue com os costumes de cada povo” (ALMEIDA, 2022: 141).

A riqueza desse volume, bem como das reflexões acadêmicas e interculturais da ABIPSI — e da ABIA —, está em situar a especificidade da experiência indígena mesmo na atuação junto a outros povos indígenas. Tais elaborações desafiam a ciência moderna, ocidental, hegemônica e não-indígena em seu afã de se fazer universal e generalizável. Aqui, com indígenas intelectuais e atuantes no campo do cuidado psicossocial e da educação, temos a afirmação de que “o meu lugar de psicóloga indígena, por si só, não me capacitava para atuar com outros parentes”

(N. TUXÁ, 2022<sup>a</sup>: 96). A autorreflexividade da experiência intelectual indígena alcança sensibilidades que apenas a muito custo a antropologia, por exemplo, ou a própria psicologia não-indígena veio a exercitar.

Da atuação profissional surgem temas tais quais a territorialidade indígena vista como condicionante social de saúde, a especificação dos agravos observados em razão das desigualdades e do racismo institucional, a depressão, o suicídio e o alcoolismo como marcas indelévels da colonização, entre muitos outros temas que só recentemente têm ganhado espaço nos debates e estudos psicológicos — e sociais — realizados por indígenas. Afinal, como a apresentação do volume bem pontua, “só no início dos anos 2000 tivemos os primeiros relatos de indígenas estudantes de psicologia” (RODRIGUES, 2022: 9). Ora, mal completadas duas décadas, vemos a pujança de um saber criativo, intercultural e situado nos textos aqui reunidos, que abrem caminho para outros mais.

Além dos dois gêneros textuais mencionados acima — os mais teóricos e ensaísticos, por um lado, e os relatos de experiência, por outro (que, não obstante, se sobrepõem uns aos outros) —, temos capítulos que seguem mais de perto a cartilha da escrita acadêmica, apresentando objetos de estudo, hipóteses, metodologias e discussões teóricas. Tais são “O protagonismo feminino Tembé/Tenetehar” e “Contexto físico e sociocultural “Tembé-Tenetehar” na Amazônia Brasileira”, ambos de Miriam Tembé; “As narrativas que entrelaçam a atuação de psicólogos nos DSEIs de RORAIMA”, de Nita Tuxá; “O processo de luto dos povos indígenas no contexto da pandemia de Covid-19”, de Iterniza Macuxi; e “Saúde indígena e saberes tradicionais: interfaces de um cuidado em saúde mental num território indígena de Pernambuco”, de Edinaldo Xukuru.

Nesse último gênero, observamos as reflexões teóricas das(os) indígenas psicólogas(os) ganhando corpo na interface com o conhecimento científico e acadêmico originalmente não-indígena, em um movimento que os *indigeniza* (N. TUXÁ, 2022b: 120). Tudo se dá de uma forma profundamente permeada pelas experiências dos autores, mas sem jamais ignorar os encontros com a ciência da qual os textos partem — seja a psicologia, seja mesmo a antropologia com a qual muitos dialogam. Noções próprias de cosmologia, corpo, saúde, território, espiritualidade e etnicidade animam as abordagens indígenas aqui apresentadas.

O volume, quinto da Série Saberes Tradicionais, publicada pelo Observatório de Justiça Socioambiental Luciano Mendes (OLMA) em parceria com a Companhia de Jesus do Brasil e a editora Casa Leiria, é um marco importante na organização profissional da categoria psicológica, capitaneada por indígenas da ABI-PSI. Também é passo fundamental para a construção de uma ciência construída a partir de múltiplos saberes, cosmovisões e pertencas territoriais, tanto dos intelectuais que a pensam quanto daqueles sujeitos com os quais tais intelectuais se engajam. É, em suma, uma contribuição necessária às ciências humanas e sociais, contribuindo para qualquer interculturalidade que estas desejem exercer no intuito de se aprimorar, ampliando seu escopo para além de um cânone hegemônico já por demais ultrapassado.

## Referências

ALMEIDA, D. T. “Relato de experiência de uma psicóloga recém-formada atuando na Secretaria Municipal de Educação Escolar Indígena”. In: ABIPSI (org.). *Pintando a psicologia de jenipapo e urucum: narrativas de indígenas psicólogos(as) no Brasil*. São Leopoldo: Casa Leiria, 2022. pp. 139-144.

FABIAN, J. *O Tempo e o Outro: Como a Antropologia Estabelece Seu Objeto*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

FERNANDES, S. L.; GONÇALVES, B. S.; SILVA, L. S. P. Psicologia, Povos Tradicionais e Perspectivas De(s)coloniais: Caminho para Outra Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 42 (spe): e263863, 2022.

RODRIGUES, E. S. “Apresentação”. In: ABIPSI (org.). *Pintando a psicologia de jenipapo e urucum: narrativas de indígenas psicólogos(as) no Brasil*. São Leopoldo: Casa Leiria, 2022. pp. 9-10.

TERENA, V. “Eu sou Terena”. In: ABIPSI (org.). *Pintando a psicologia de jenipapo e urucum: narrativas de indígenas psicólogos(as) no Brasil*. São Leopoldo: Casa Leiria, 2022. p. 80.

TUXÁ, F. “Antropologias indígenas e a questão da posicionalidade”. *Anuário Antropológico*, 48 (1): 61-6, 2023.

TUXÁ, N. “De onde falo, porque falo, o que quero falar...”. In: ABIPSI (org.). *Pintando a psicologia de jenipapo e urucum: narrativas de indígenas psicólogos(as) no Brasil*. São Leopoldo: Casa Leiria, 2022a. pp. 87-106.

TUXÁ, N. “As narrativas que entrelaçam a atuação de psicólogos nos DSEIs de Roraima”. In: ABIPSI (org.). *Pintando a psicologia de jenipapo e urucum: narrativas de indígenas psicólogos(as) no Brasil*. São Leopoldo: Casa Leiria, 2022b. pp. 107-124.

# ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE  
ISSN: 2358-5587

*A Aceno recebe em*  
**FLUXO CONTÍNUO,**  
*artigos livres,  
resenhas,  
ensaios fotográficos,  
dossiês (propostas).*  
*Interessados em atuar como  
pareceristas  
podem realizar seus cadastros no site*